

ECOS DA TERRA

Autora convidada da Flip 2024, Mariana Salomão Carrara fala sobre a arte de dar voz a realidades distantes, objetos inanimados e nosso desespero coletivo

UMA EPIDEMIA DE SUICÍDIO entre agricultores que têm a saúde mental corroída pelo contato com agrotóxicos. O pano de fundo do novo romance de Mariana Salomão Carrara poderia ser uma distopia, mas o cenário é real e próximo: a autora partiu da alarmante realidade das fumageiras do Sul do país para escrever o recém-lançado *A Árvore mais Sozinha do Mundo* (Todavia; 208 págs.; R\$ 69,90). “Estamos completamente desesperados. Tudo o que pudermos falar que seja ligado a saúde e meio ambiente irá nos agregar”, diz a escritora, que nos recebe em seu apartamento arejado no último andar de um prédio baixo no bairro Higienópolis, rodeado por uma varanda com cara de quintal interiorano que contrasta com o tumulto da capital paulista.

Em um país onde surgem leis como o “Pacote do Veneno”, que afrouxa ainda mais o uso de substâncias agrotóxicas, é urgente repensar as condições do trabalho agrícola, sobretudo quando há indícios de regime análogo à escravidão. “As pessoas estão trabalhando para pagar dívidas. É uma situação terrível, um sistema cruel. Você nem percebe que está correndo o ano todo para, no fim, quitar juros, e sobra muito pouco para sobreviver”, diz Carrara, que passou três anos entre pesquisas e coleta de material, inclusive in loco.

“Foi desafiador imergir nisso. Meus outros livros também são sobre narradores fora da minha realidade, mas a classe social, as crises existenciais, a filosofia de vida, tudo era parecido. Agora, tive que criar pessoas do zero”, conta. Os narradores do romance, porém, não são humanos, mas objetos inanimados: um espelho antigo, uma caminhonete, uma árvore. “Quis trazer uma afetividade diferente, de um observador que não tem vida própria, mas observa e admira. É um experimento literário”, explica Carrara.

Segundo a escritora, dar voz a personagens não humanos também foi uma forma de provocar uma reflexão sobre como nos conectamos com o entorno: “Com o desespero coletivo que teremos cada vez mais, sinto que devemos nos tornar também a terra. Se você passa por um rio com um monte de lixo, é esse lixo também. Quanto mais enxergamos as coisas assim, mais nos responsabilizamos por elas”.

Defensora pública há mais de uma década, com atuações na área criminal, na Vara da Infância e Juventude e no direito de família, Carrara direciona sua sensibilidade também para fora da ficção, mas não deixa de ver semelhanças entre os ofícios. “Olho na cara das necessidades. Atendo pessoas, não números ou problemas. É parecido com a literatura: você corporifica. É estar num lugar diferente do seu, é conseguir enxergar toda a vida que não a sua para que lide com ela”.

Quando questionada se considera a escrita um ato político, é categórica: “Poucas coisas não são”. É a literatura, porém, o que julga ser seu objetivo primordial, sua motivação e sua força de criação. “O res-



POR
MARÍLIA KODIC

É jornalista cultural
e ama livros



to é consequência. Ao mirar na arte, no efeito, no prazer estético, todo o resto vai acontecer. Uma vez que você está comovido com uma história, fica mais apto a se mover por ela.”

Vencedora do Prêmio São Paulo de Literatura de 2023 com *Não Fossem as Sílabas do Sábado* (Todavia; 168 págs.; R\$ 68,90) – obra que ganhou versão teatral neste ano sob direção de Joana Dória –, Carrara vem chamando a atenção de público e crítica com sua prosa cadenciada e introspectiva, que navega pela linha tênue entre a melancolia e o humor. “Acho que o tragicômico é o que mais movimenta sensações humanas. Ao mesmo tempo que você está comovido, sente vontade de rir. Meu humor vai mais para o exagero. Há uma comichão no absurdo da postura de alguns narradores.”

Entre os grandes temas caros à autora estão a solidão, a morte e a amizade feminina – vínculo que diferencia de qualquer outro pela entrega e intimidade. “Nós conseguimos fazer famílias a partir das nossas amizades. É algo que os homens ainda precisam construir, inclusive como tema de literatura. Talvez eles precisem que uma mulher retrate a amizade masculina para que vejam possibilidades de amizade mais intensas, mais irmãs”, avalia. ■

O DESASSOSSEGO QUE NOS MOVE

Lançamentos literários de outubro propõem diálogos sobre luta, identidade, feminismo e a reinvenção do espaço urbano



O desejo e o prazer são ingredientes essenciais nas revoluções. É o que defende a teórica feminista bell hooks em conversa com o sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall, rechaçando a figura do intelectual “atolado em uma seriedade anal retentiva que não permite o jogo, a brincadeira”. O modo como as masculinidades negras são moldadas pelas dinâmicas de poder da cultura heteronormativa e patriarcal também é abordado por Hall, que diz ter caminhado “na direção de outra versão” de si mesmo. Ao tecer reflexões sobre o futuro da negritude e as interseções entre raça, gênero e política, a dupla expõe também como as estruturas sociais se refletem na subjetividade e nas relações afetivas.

Funk sem Cortes: Um Diálogo Contemplativo. bell hooks e Stuart Hall. WMF Martins Fontes. R\$ 49,90. 172 pp.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



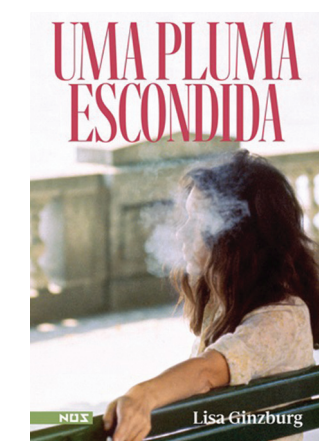
“Como podem as cidades ser verdadeiramente democráticas se as necessidades e experiências femininas continuam sendo ignoradas na sua concepção?”, questiona Muxi, que ilumina neste livro a invisibilizada contribuição das mulheres à história da arquitetura e do urbanismo. A argentina desconstrói a ideia de que o espaço público é domínio exclusivo do masculino, ressaltando a luta feminina para transformá-lo em um ambiente mais justo e acolhedor. Como exemplo, cita o trabalho das brasileiras Carmen Portinho e Lina Bo Bardi. Mulheres, Casas e Cidades. Zaida Muxi. Olhares. R\$ 99. 316 pp.



Nesta antologia de contos de horror, 20 autoras de diferentes regiões do Brasil exploram as sensações de medo, inquietação, desconexão e aprisionamento

que permeiam o cotidiano feminino. Nos contos de Cidinha da Silva e Eliana Alves Cruz, a água surge como metáfora para a força feminina e os processos de cura. Enquanto revela segredos do passado e conecta as personagens às suas raízes, também representa a capacidade das mulheres de fluir e resistir às adversidades. O volume reúne grandes nomes da literatura contemporânea brasileira, como Andréa del Fuego, Mariana Salomão Carrara, Socorro Acioli e Trudruá Dorrico.

O Dia Escuro. Fabiane Secches e Socorro Acioli (orgs.). Companhia das Letras. R\$ 79,90. 232 pp.



O que significa ser mãe e filha em um mundo de expectativas sociais e pessoais? Com uma prosa poética e introspectiva, Ginzburg aborda as complexidades da adoção e da maternidade enquanto reflete sobre questões como identidade, memória e o que significa pertencer a um lugar ou uma pessoa. Convidada da Flip 2024, a filósofa italiana explora a tensão entre o desejo de autonomia e a pressão de construir vínculos que ora nos definem, ora nos aprisionam.

Uma Pluma Escondida. Lisa Ginzburg. Nós. R\$ 76. 240 pp.